

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 16

Fernando Ribeiro
Mário Barbará



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Fernando Ribeiro O Rei do Musi-Puc

O circuito universitário gerou vários bons compositores em Porto Alegre no final dos anos 60, início dos 70. Neste meio, o Festival Musi-Puc talvez tenha sido o evento de maior repercussão. A partir dele, surge o revolucionário "Vivendo a vida de Lee", show itinerante dirigido pelo radialista Júlio Fürst que, com seu programa "Mr. Lee in Concert", na rádio Continental, modificou completa e positivamente o panorama da música urbana do RS.

No Musi-Puc, o personagem de maior destaque foi Fernando Ribeiro, vencedor em três edições e segundo colocado em duas das primeiras cinco edições. A partir da sexta, passou a ser jurado, considerado *hors-concours*.

Nos shows coletivos "Vivendo a Vida de Lee", Fernando e Hermes Aquino foram, por muito tempo, os maiores destaques. Violonista caprichoso, com muitas horas de estudos de clássico e harmonização popular moderna, Fernando encontrou em Arnaldo Sisson o parceiro ideal. Junto com este letrista, além das constantes vitórias nos festivais, compôs e gravou dois discos de grande importância para a música do Rio Grande do Sul: *Em Mar Aberto*, (pela EMI-Odeon, em 76) e *Coro dos Perdidos* (pela ISAEC, em 1978), dos quais várias músicas marcaram época.

Jovens acorriam aos seus shows em busca de boa música e conhecimento técnico. Fernando estava entre os melhores intérpretes e violonistas de sua época, com um estilo bastante diferenciado. As harmonias ricas e elaboradas, as melodias criativas, a voz extremamente bem colocada aliavam-se às letras brilhantes de Arnaldo Sisson. Também fazia-se cercar de músicos de primeira linha, como Toneco e Ayres Pothoff. Os shows tornavam-se verdadeiras aulas para quem fazia música e deleite inteligente para quem admirava.

Em 78, Fernando estava em uma grande gravadora multinacional, sonho de qualquer artista. Com o surgimento da gravadora gaúcha ISAEC, sentiu necessidade de acompanhar o processo para o qual havia contribuído tanto. Decidiu deixar a EMI-Odeon e lançar seu disco na nova gravadora. Pode ter sido ali um tropeço decisivo. A ISAEC era uma gravadora forte para os padrões locais, poderia concorrer com as grandes no seu território, mas sem alcance nacional. De qualquer forma, Fernando já se sentia acuado pela luta ferrenha de São Paulo, queria tentar o mercado local, voltar à sua terra natal. Sua opção foi consciente e não faltou apoio e esforço da gravadora gaúcha, só que, como ele mesmo diz, "a coisa não rolou". Retornou a São Paulo e acabou enveredando pela área da publicidade.

Seus discos permanecem atuais ainda hoje. Fernando Ribeiro influenciou muitos músicos que vieram depois dele. As citações de seu nome são freqüentes nos fascículos desta coleção, mas aqui quero dar meu testemunho pessoal. Eu mesmo tive, em Fernando, o principal motivo de opção por profissionalismo em música. Nos meus 15, 16 anos, peregrinava por seus shows, admirando-lhe a técnica e as composições. Nunca tive coragem de falar com ele. Mas sempre fui seu fã, assim como Júlio Reny e vários músicos da nossa geração.

Hoje Fernando é sócio do estúdio "Vice e Versa", em São Paulo, onde produz trilhas para comerciais de rádio e TV. Divide a empresa com Sá (da dupla "Sá & Guarabira"). Diz sentir-se tranqüilo em relação à música e ao seu passado, sobre o qual nem tem uma visão superlativa. Supreende-se quando lhe dizem que influenciou vários artistas gaúchos da geração posterior. Está feliz com seu trabalho publicitário em São Paulo. Aqui a gente sente muita falta de seu talento. Não é fácil surgir um Fernando Ribeiro.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica:

Fernando Affonso Fernandes Ribeiro

Fernando Ribeiro

1949 - Nasce a 28 de setembro em Porto Alegre, filho de Irene e Armando Affonso Fernandes Ribeiro. Passa a infância no bairro Navegantes. Estudou no IPA, no Colégio Batista e no São Judas Tadeu. Seu interesse por música começa na adolescência quando o amigo "Pinduca" retorna de viagem pelo Brasil e América Latina cheio de novidades sobre estudos musicais. Fernando empolga-se especialmente com exercícios de Baden Powell ao violão que o amigo lhe demonstra. Naquele mesmo dia, pegou um velho violão que a família tinha guardado em total desuso e começou a praticar. Daí em diante, passa a estudar obsessivamente e acaba cursando violão erudito com o professor James Prates. Mais tarde, já profissional, Fernando diria ter-se decepcionado com o professor, ao



constatar, assistindo de binóculos às suas apresentações em palco, que ele executava o violão utilizando justamente técnicas que proibia a Fernando. Isto o teria levado a desistir do estilo clássico e enveredar definitivamente para o popular.

1968 - Em janeiro, Fernando participa do II Festival Estudantil da Música Brasileira, cujas eliminatórias foram realizadas ao vivo no Colégio Bom Conselho e a final no Theatro São Pedro, defendendo, junto com as irmãs, uma canção do amigo Paulinho Bufara (classificada para a final) e uma própria (eliminada de saída). Independentemente do resultado desta participação, estava dada a partida para uma carreira de destaque ligada aos festivais universitários que o levariam aos discos.

1971 - Presta vestibular na PUC para Direito, mas é aprovado em segunda opção para Sociologia. Ninguém pode afirmar com certeza se a humanidade estava ganhando um grande sociólogo, mas certamente a música do Rio Grande estava abrindo as portas para um dos seus grandes compositores. Neste mesmo ano, resolve participar do Musi-Puc, festival universitário promovido pelo Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino, em sua primeira edição. Fernando e Sisson já possuíam um bom repertório de composições, mas queriam uma coisa nova para o festival. Gravador, papel, caneta e violão e, em algumas horas, estava pronta *E Viva Fernando Pessoa*, vencedora do I Musi-Puc.

1972 - Em junho, Fernando participa com destaque da I Mostra de Música Popular, promovida no Theatro São Pedro, pelo curso pré-vestibular IPV sob direção de José Alberto Fogaça, interpretando cinco músicas em parceria com Arnaldo Sisson.

1973 - Seguindo o mesmo critério de composição do festival anterior, a dupla Fernando e Sisson fica em segundo lugar no II Musi-Puc com *Quando Viajar pro Norte* (em 1972 o festival não foi realizado). O vencedor foi Mário Barbará, com a composição *Medo*, iniciando sua escalada na música através dos festivais.

1974 - Fernando e Sisson vencem novamente o Musi-Puc (terceira edição) com a canção *Estado de Espírito*. Realizado no Salão de Atos da Reitoria da PUC, este festival foi marcado (segundo a Folha da Manhã 08/06) por intensa pressão da censura, que fez modificar o teor e até títulos de várias músicas. Os vencedores levaram, além do troféu, uma guitarra Giannini, passagens aéreas para o Rio de Janeiro e bolsas de estudos. Fernando também demonstrava aptidão empresarial. Em sociedade com o amigo Rogério, há alguns anos, tinha uma loja de papel de paredes chamada Roger Fernand.



Logo abriria a lanchonete, em substituição à loja, chamada Billy Joe, na av. Independência, 598.

1975 - Nova participação no Musi-Puc, desta vez com a composição *Em Mar Aberto*, também parceria com Arnaldo Sisson, ficando em segundo lugar. A Folha da Manhã de 12 de junho constata que a superioridade da composição de Fernando e Sisson, bem como o arranjo de Toneco e a execução instrumental eram muito evidentes. Diz a jornalista Maria Wagner que só entendeu a classificação como uma forma do júri "mostrar aos autores que a sua concorrência com os demais não tem razão de ser devido ao desnível". O festival foi vencido por Roberto Gonçalves Silva, com *Violeiro Cantador*. Os três primeiros colocados receberam, além das premiações normais, passagens para Minas Gerais (do governo do estado), a fim de participarem do Festival de Inverno de Ouro Preto. Apesar da importância que o festival havia adquirido, a direção da PUC não demonstrava interesse ou apoio à iniciativa do Centro Acadêmico, apenas alugando-lhe o Salão de Atos.

Entra em cena um dos personagens mais importantes da música gaúcha deste período: o radialista Júlio Fürst (ver detalhes no fascículo 30). Empolgado com o que via e ouvia no Musi-Puc, Júlio decide gravar os principais concorrentes nos estúdios da Rádio Continental, em fita rolo, com um precário sistema de dois canais, e passou a rodar as músicas em seu programa "Mr. Lee in Concert". O resultado foi um estrondoso sucesso tanto para ele quanto para os músicos; uma verdadeira revolução na música do RS que só pôde ser devidamente dimensionada quando, em agosto, Júlio e cia. promoveram o "Vivendo a Vida de Lee - Concerto N° 1", no Teatro Presidente. Hermes Aquino, Fernando Ribeiro e os grupos "Almôndegas", "Byzarro" e "Bobo da Côrte", entre outros, arrastaram uma multidão muito superior à capacidade do teatro. Foi necessária a intervenção da Brigada Militar, mesmo assim não impedindo que fosse derrubado o portão de ferro do teatro e o local invadido por uma turba pacífica e festiva, que só queria (e conseguiu) assistir ao grande momento de afirmação da música produzida em Porto Alegre nos anos 70 do século XX.

Enquanto Hermes Aquino e "Almôndegas" significavam a ascensão popular desta música, Fernando encarava a qualificação técnica e assim era reconhecido por público e crítica. Apresenta-se, em outubro, com seu grupo (que incluía Toneco e Ayres Pothoff) em concorrido espetáculo na Assembléia Legislativa, ao lado do grupo "Ensaio". Em novembro, novo concerto "Vivendo a Vida de Lee", desta vez no Auditório Araújo Vianna, com outras dezoito atrações. Novo tumulto, assistido por mais de 5 mil pessoas. Fernando e grupo, como sempre, estão entre os destaques. No Teatro do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, Arnaldo, Fernando, Maurício, Toneco, Neusa,

Ayres e Beto Roncaferro, sob a direção de Luciano Alabarse, realizam com sucesso o "Fernando Ribeiro em Concerto". Inicia-se uma profícua parceria com o produtor Alabarse.

1976 - Fernando recebe convite da Odeon para gravar LP em São Paulo (ZH-24/07/76). No ano anterior, o produtor Milton Miranda (da gravadora) havia assistido à apresentação de Fernando no "Vivendo a Vida de Lee - Concerto N° 2".

Começam os preparativos para o LP *Em Mar Aberto*. No Teatro Leopoldina, Júlio Fürst promove o terceiro concerto "Vivendo a Vida de Lee". Muito mais bem estruturado e organizado. O espetáculo, realizado em duas noites, com sete atrações em cada uma, supera os anteriores em qualidade.

Fernando já tem sua atuação consolidada e parte para novo show solo produzido por Luciano Alabarse. "Allegro con Brio" estréia em 4 de março, no Teatro Renascença com ampla cobertura da imprensa. Ambicioso, o espetáculo mistura a linguagem teatral com a música de Fernando Ribeiro e grupo, sob direção musical de Toneco. Partem em turnê pelo interior do estado. A união com Alabarse e Toneco gera vários novos espetáculos e o público aumenta. Fernando e seu grupo apresentam-se em universidades, clubes, bares e até em desfiles de moda.

Concorre em polêmica edição do Musi-Puc, com *Não Demora* (parceria com Sisson). Houve empate entre os dois primeiros colocados. O jornalista Juarez Fonseca, integrante do júri, revela em artigo da Zero Hora (15/06/76) que "parte do júri argumentava que Fernando Ribeiro, já um músico pronto, não deveria estar concorrendo, e que o primeiro lugar deveria ser dado à outra composição, *O Tempo, o Barco e o Vento*, de Eduardo Porto. Outra parte argumentava que, se Fernando estava concorrendo, sua música deveria ser julgada como uma concorrente normal. O impasse só foi eliminado com a premiação dupla". No momento do anúncio da premiação, a mesma polêmica estabeleceu-se entre o público; uma parte vaiando e a outra aplaudindo. Esta história toda demonstra bem o momento vivido por Fernando Ribeiro. Já não cabia dentro do circuito musical de Porto Alegre da época. Era preciso alçar vôo, e a oportunidade apresentava-se com o disco da Odeon.

Durante o segundo semestre, *Em Mar Aberto* é gravado no Rio de Janeiro, com cuidadosa produção, dirigido pelo maestro Eduardo Souto Neto e Toneco e com participações de renomados músicos do cenário nacional, como Gilson Peranzeta, Copinha, Paulinho Braga, Burnier e "Trio Esperança"; naipe de flautas e dezenove músicos de orquestra no naipe de cordas. As composições de Fernando e Sisson ganham o tratamento que merecem, e o disco é, certamente, um dos mais bem realizados da música gaúcha em todos os tempos.



Fernando com o filho e a mãe.

1977 - *Em Mar Aberto* é lançado com shows nos dias 18, 19 e 20 de março, na Assembléia Legislativa, em Porto Alegre. Recebido com amplas páginas dos jornais locais e público cativo, o lançamento do disco restringe-se ao Rio Grande do Sul. Fernando diria à Zero Hora que *"lá pra cima será um trabalho a longo prazo, porque não é uma música de consumo rápido. Tudo tem que ser feito sem pressa. Os próprios homens da gravadora disseram que não me preocupasse, que deixasse o disco acontecer primeiro aqui... a intenção é desenvolver um trabalho estruturado, e shows no Rio só no ano que vem"*. Na verdade a EMI/Odeon apostava na efervescência musical de Porto Alegre daqueles dias. Hermes Aquino e "Almôndegas" já vinham estourando em outras gravadoras, e Fernando representava o lado mais sofisticado daquele segmento.

Sua história estava intrinsecamente ligada ao Musi-Puc, mas já atingia o reconhecimento de público e crítica em seus shows por todo o estado, e suas músicas rodavam bem na Rádio Continental. Aliava-se a isto a retransmissão do "Mr. Lee in Concert" pela Rádio Iguazu de Curitiba, onde a caravana de Júlio Fürst havia feito bem sucedida incursão.

A gravadora vislumbrava o mercado florescente dos estados do sul. Fernando e grupo realizam vários espetáculos de trabalho do disco dentro deste circuito. Em novembro, realiza novo show, mesclando músicas gravadas e inéditas. Batizado de "Ultimamente" (título de uma de suas mais conhecidas parcerias com Sisson), o espetáculo incluía novos músicos de peso, como Paulo Dorfman e o percussionista De Santana, e partia para interpretações mais agressivas. Era uma retrospectiva e, ao mesmo tempo, um ensaio para uma nova proposta artística em estudo.

1978 - Uma decisão difícil e definitiva. No final do ano anterior, a Fundação ISAEC abre uma gravadora comercial. Um sofisticado equipamento importado faz

dela uma gravadora em condições de competir no mercado. Para dirigi-la, é convocado o músico Geraldo Flach e vários selos começam a se estabelecer dentro de sua estrutura. O compositor Leonardo dirige o selo Querência, destinado à música gauchesca. Geraldo quer um selo para a música urbana local: Abertura. Precisa de um nome de impacto para estreá-lo e convida Fernando. O apelo era muito forte, pois ele sentia-se incorporado ao universo musical do estado. Sabia ser um dos responsáveis por sua efervescência. Decide aceitar o convite e rescindir o contrato com a Odeon.

Em 20 de agosto, o LP *O Coro dos Perdidos* está pronto para ser lançado em show no Teatro Leopoldina. É uma grande transformação na carreira de Fernando. Musicalmente, as novidades são evidentes. As interpretações são mais vicerais, as letras candentes marcam a estréia de Dedé Ribeiro (esposa de Fernando) como compositora, assinando duas delas. Prossegue com força renovada a parceria com Arnaldo Sisson e os arranjos são assinados por Geraldo Flach, que executa pessoalmente piano e teclados.

O disco causa certa estranheza, o que levaria o crítico Juarez Fonseca, por exemplo, a ficar meses digerindo-o até conseguir escrever sobre ele. Diria, apoiando-o, em 31 de janeiro de 79, na Zero Hora, sob a manchete "Fernando Ribeiro: o berro, o desespero": "... andei bastante inseguro para comentar o disco, porque ele me perturbava, e eu o achava demasiadamente soturno, demasiadamente berado... confesso não ter encontrado (durante o ano de 1978) nenhum disco com tanta aspereza, com tanta desesperança."

Fernando paga caro por desafiar o "coro dos contentes". O LP vende muito pouco, contrariando suas expectativas de 20 de agosto de 78, quando declarou ao Correio do Povo: *"A ISAEC vai distribuir o disco em todo o país... a gente tem consciência de que ela é nova... mas está preocupada com os músicos do RS... Foi muito importante para mim ter saído de uma grande gravadora e vir para uma gravadora regional. Mas também foi uma coisa muito segura, muito familiar... acho um despropósito pegar um avião e ir para o Rio gravar com um pessoal que não me conhece, que não sabe do meu trabalho, da minha luta."*

Dois anos depois, a ISAEC encerraria suas atividades comerciais como gravadora, em meio a grossa polêmica pela imprensa. Enquanto a Fundação ISAEC de Comunicação referia-se oficialmente à "desativação de catálogo", a imprensa baixa o pau geral, e Geraldo Flach (diretor artístico da gravadora por dezesseis meses) diz que a gravadora "fechou por incompetência comercial". (ZH - 27/01/80)

1979 - No dia 18 de agosto, Fernando apresenta-se no legendário restaurante/bar Vinha D'Alho. Trata-se de um show de despedida de Porto Alegre. Um ano depois



de *O Coro dos Perdidos*, contabiliza apenas mil cópias vendidas e ainda paga o prejuízo do show de lançamento. Analisa o ocorrido, dizendo à Zero Hora daquele dia: *"A vida está me chamando, não posso mais ficar parado... Aqui não se pode fazer nada, está provado que as coisas acontecem do centro para cá... boto cinco mil cartazes na rua, os jornais e tevês divulgam minhas apresentações, e chego lá tem trezentas pessoas onde cabem duas mil... freqüentemente penso que não estão gostando do meu trabalho. Inclusive poucos amigos meus têm o meu disco. Mas acho que nem eu nem o público temos culpa. Acho que o RS ainda não tem estrutura para segurar o artista. Não adianta só gravar e botar o disco nas lojas... Não vejo uma solução a curto prazo, quero trabalhar em outros estados. Acho incrível que as pessoas com o tempo mais a minha saída do que o meu trabalho. Repito: não há drama, nenhuma despedida triste... que ninguém me leve flores. Estou fazendo o que cearenses, mineiros e baianos fizeram. Penso em abrir, no centro, uma brecha para a chegada de outros gaúchos."*

A viagem para São Paulo foi financiada pela ISAEC. Fernando ainda encerraria a entrevista comentando que *"O Coro dos Perdidos foi um disco muito pessimista, para baixo. Na verdade, antes de virar disco, era para ser um espetáculo em duas partes: a noite e o dia. O que mostramos no disco foi a noite. No próximo, o dia virá. O título será Fanfarra-A Farra Brasileira. Nesse disco, as letras do Arnaldo já têm outro espírito, já contêm esperança... eu adoraria ser sambista, mas infelizmente não sou, minha formação foi erudita. De qualquer forma, a mudança é uma coisa muito forte em nós."*

1980 - Em setembro, realiza-se, por cinco dias, a Mostra Gaúcha de Música Popular em São Paulo, no Teatro Ruth Escobar. Fernando abre o evento, que ainda conta com Bebeto Alves, Raul Ellwanger, Mário Barabá, Nelson Coelho de Castro e Carlinhos Hartlieb.

1981 - Enfrentando grandes dificuldades em São Paulo, Fernando emprega-se no setor de atendimento da agência de publicidade e produtora Vice/Versa.

1983 - Torna-se sócio da Vice/Versa, passando a dividir a titularidade da empresa com Wanderlei Rodrigues e Luiz Carlos Sá (o "Sá", da dupla "Sá & Guarabira"). Dedicando-se exclusivamente à área de publicidade, Fernando encontra um caminho profissional seguro e não desvinculado da arte que, afinal, sempre foi a sua vocação.

1988 - Com produção de Luciano Alabarse, Fernando reúne-se com Toneco e Ayres Pothoff, para um grande show no Teatro/Bar Porto de Elis, em Porto Alegre. Sem intenções de retomar a carreira, o show serviu para matar as saudades dos antigos companheiros e do público.

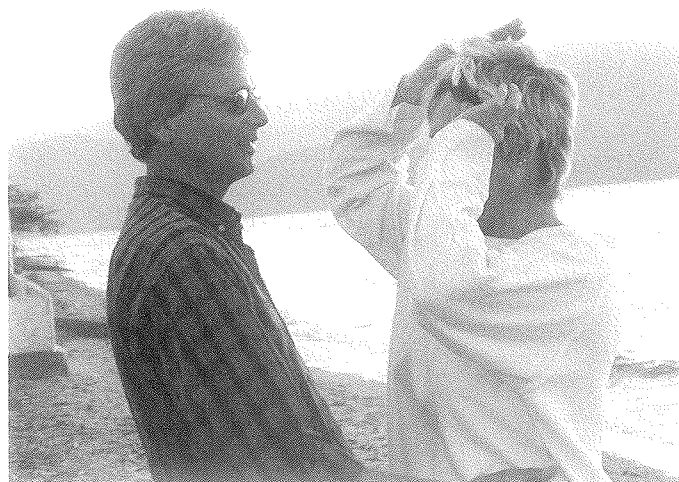
1998 - A canção *Ultimamente* é gravada por Henrique Mann no Vol. 2 da série *Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções*, disco de retrospectiva das músicas que marcaram a capital gaúcha no Século XX.

Arnaldo Sisson

Nascido a 20 de setembro de 1950, em Porto Alegre, Sisson é o principal parceiro de Fernando Ribeiro, co-autor da quase totalidade de suas músicas gravadas.

A obra de Fernando não pode ser, a rigor, vista separadamente da de Sisson. Fernando, afinal, sempre reconheceu e declarou aos jornais que devia tudo a Sisson, não apenas suas letras, mas também o impulso, a insistência do parceiro em fazer música profissionalmente. Arnaldo cursou seis faculdades e abandonou-as antes da metade, concluindo que universidade não era com ele. Interessou-se por música nos anos 60, com Bob Dylan, "Beatles", "The Doors" e "The Who". Achava a MPB da época "pura tolice", e só passou a se interessar por ela a partir dos festivais nacionais. No início dos anos 70, já compunha com Fernando, e o Musi-Puc representou a oportunidade de tornar públicas as canções.

Com o parceiro, somou-se à geração de compositores que sacudiu a música urbana do RS na década de 70: *"Escrevo poemas e textos pela compulsão de escrevê-los, desde os oito anos. Quando a música surgiu, adorei poder falar aos outros aquilo que eu mesmo gostaria de ouvir. Não tive parceiros regulares além do Fernando, pela própria rigidez da minha temática. O fim da parceria, com a ida do Fernandinho para São Paulo, também foi o fim de minha atuação como compositor. Escrevo ainda e cada vez mais. Se antes tinha o sonho de fazer poesia em letra de música, hoje trago para os poemas que escrevo toda a música que consigo alcançar. No entanto, fazer música ainda é uma vontade"*, diz em setembro de 2001.





Antônio Jesus Costa Gonçalves Toneco da Costa



Nascido em Pelotas, a 21 de junho de 1952, tem uma das mais largas biografias da música gaúcha como violonista, arranjador, compositor, diretor musical e professor de violão.

Foi o arranjador de Fernando Ribeiro na maior parte de sua carreira e tem atuação de grande importância junto a vários nomes locais, como Jerônimo Jardim, Giba Giba, Nelson Coelho de Castro e Glória Oliveira.

Desenvolveu, ainda, trabalhos na área de publicidade e vídeos institucionais de educação e psicoterapia. Seu talento como arranjador é reconhecido dentro da história contemporânea de nossa música e já recebeu, por isto, o Prêmio Açorianos de Música em três oportunidades (94, 95 e 99).

Depoimentos - Fernando Ribeiro

" Sempre tive a impressão de que o Rio Grande do Sul é uma usina de criação musical que não pára de crescer o tempo todo. A nossa música, no entanto, não chega para o Brasil como eu gostaria, como chega, por exemplo, a do nordeste. Os artistas de lá sempre carregam mais alguém junto, eles se ajudam, hábito que a gente não tem."
(para Henrique Mann, em 2001).

" A música brasileira atual tem coisas de que gosto ou não. A opção de escutar é minha, mas não saio falando mal do que não gosto. Concordo com o Gordo Miranda quando diz que antes reclamavam que não havia espaço para a música brasileira do povão, agora que tem, fica todo mundo reclamando igual, que é só bunda, só porcaria. Ora, deixa os caras, pô! Se tem um canal tocando

uma coisa de que não gosto, eu troco e pronto."(idem)

" Quando cheguei em SP, tinha muita pressa de ganhar algum dinheiro, de sobreviver. Era difícil. A gente colava cartazes pela cidade e no outro dia já estavam cobertos. Havia uma máfia local de colagens que, se não fosse com ela, sabotava. Cheguei a fazer show para uma só pessoa. Não é que eu tenha me desiludido, só que não rolou. A minha música não era uma coisa popular, que pudesse emplacar rapidamente no rádio. Era difícil." (idem)

" A função social do artista e da arte é fundamental. Sem arte, um país não sobrevive, não tem consciência de si mesmo." (idem)

" Adoro produzir música para publicidade, embora não saiba compor jingle sozinho. Sempre que faço algum é a quatro mãos, com o Sá ou com a Cláudia (minha produtora), mas adoro trabalhar com música em publicidade. Acho que é um exercício que todo o músico deveria experimentar. É interessante ter que resolver tudo naquele espacinho de 30 segundos."(idem)

" Vale a pena, sim, ser artista no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. Só que tem muitas dificuldades, não é uma coisa fácil. Precisa ter uma parcela de sorte e muito trabalho, bater em todas as portas, mandar disco para todo mundo, fazer muita estrada. Não é para qualquer um." (idem)

" As pessoas querem que a gente faça política a todo o pano. Eu não quero saber de partido político. O que estamos dizendo tá na cara, basta que entendam. Não temos que ficar explicando nada, tomando posição disso ou daquilo. A gente mal vai gravar o primeiro disco e já há pessoas tentando mitificar o trabalho. Sem essa, não tem frescura, as coisas são simples. Sou o Fernando normal, ele é o Arnaldo (Sisson) normal, não tem aparato nenhum em volta disso, nem o músico precisa de aparatos para ter valor." (Zero Hora-17/12/76)

" A primeira vez que escutei minha música (no rádio) estava na cozinha com um radizinho de pilha. Me arrepiei, tremi na base, vendo (sic) sair a minha voz ali de dentro, cantando a minha música. O Júlio Fürst foi uma baita força. Levava a gente pro estúdio (da Rádio Continental), e ele e o Maneco ficavam lá até às 4 ou 5 da manhã gravando, vestiam a camiseta da gente mesmo.

Tu vê: Mr. Lee, um programa que o nome já está dizendo, um troço totalmente importado, de repente começa a botar som local. Teve muita gente que foi contra no começo, mas ele insistiu. Tinha que aparecer um cara como ele pra dizer 'é comigo mesmo' e levar a coisa pra frente." (idem)



Ultimamente

Música: Fernando Ribeiro

Letra: Arnaldo Sisson

1 UL TI MA MEN TE EU TE NHOAN DA... DOUM FOU CO PIGO CU PA.

3 DO CO MI... GO A TE FA RE CE QUEAL GU MA CUI RA VAI A CON TE CER

5 MEU VI O LÃO ES TÁ DE CI DI DA... MEN TE DE MAL CO MI...

7 GO E DE SA FI NA BEM NA HO RA DO SAM HA CAN ÇÃO...

9 E AS MU LHE RES QUEAN TI GA MEN... TE ME FA RE CI AM

11 TÃO DE LAS HO JE NÃO PAS... SAM DEES QUE CI DAS E FRIAS DON ZH LAS

13 E FOR QUE TA MAIS PRAU RU BU DO QUE PRA CO LI BRI...

15 ÉTA MAIS PRA VBR DE DO QUE PRA MA DU...

16 ROUM SOL ES CU ROEU VOU FU GIR DA QU...

Ultimamente eu tenho andado um pouco
preocupado comigo
Até parece que alguma coisa vai acontecer
Meu violão está decididamente de mal comigo
E desafina bem na hora do samba canção
E as mulheres que antigamente me pareciam
tão belas
Hoje não passam de esquecidas e frias donzelas
É porque tá mais pra urubu do que pra colibri
E tá mais pra verde do que pra maduro,
Um sol escuro eu vou fugir daqui
Ultimamente eu tenho andado um pouco

preocupado comigo
Até parece que alguma coisa vai acontecer
Mudei o penteado, comprei um carro novo,
Troquei de apartamento, mas essa dor
não parece que vai acabar
Comecei a sonhar alto com muitos milhões
E vi o meu nome em letras garrafais
em todas as colunas sociais
E os bons ventos me levaram a acreditar
Que na casa onde mora o bem
Provavelmente também pode morar o mal
É porque tá mais pra urubu...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Diga Lá

Música: Fernando Ribeiro
Letra: Arnaldo Sisson

1 *Am9* *Gm9(11)*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas tramas,
 dramas, fados, festas e crismas,
 se eu não sei de tuas cismas?

4 *C#m9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas sanhas,
 senhas, sagas, lendas e tetos,
 se eu não sei de teus vetos?

7 *C7/9* *Am9*
 Diga lá, que coisas eu sei de teus passos,
 vales, serras, lagos e charcos,
 se eu não sei de teus marcos?

11 *Gm9/2(11)* *C#m9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de teus dramas,
 temas, fatos, tempos e ventos,
 se eu não sei de teus tentos?

15 *C7/9* *Am9*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas manhãs,
 farsas, rimas, ritos e sendas,
 se eu não sei de tuas vendas?

19 *Gm9/2(11)* *C#m9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

23 *C7/9* *Am9*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

27 *Gm9/2(11)* *C#m9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

31 *C7/9* *Am7*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

35 *Gm9/2(11)* *C#m9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

39 *C7/9* *A9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

43 *Am9/2* *D9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

47 *A9/2* *Am9/2*
 Diga lá, que coisas eu sei de tuas lutas,
 brigas, richas, metas e barcas,
 se eu não sei de tuas marcas?

Diga lá,
Que coisas eu sei de tuas tramas,
Dramas, fados, festas e crismas,
Se eu não sei de tuas cismas?

Diga lá,
Que coisas eu sei de tuas sanhas,
Senhas, sagas, lendas e tetos,
Se eu não sei de teus vetos?

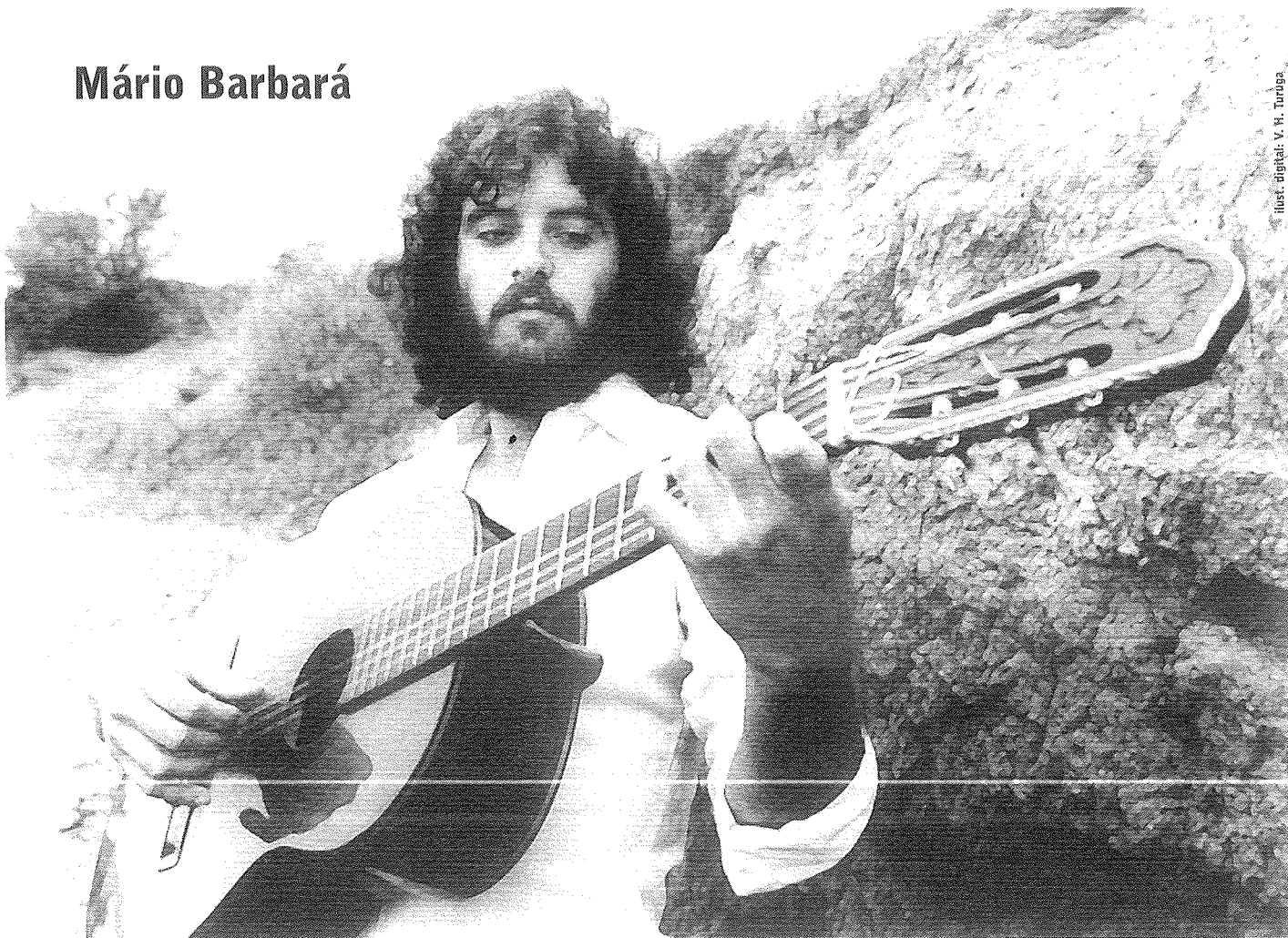
Diga lá,
Que coisas eu sei de teus passos,
Vales, serras, lagos e charcos,
Se eu não sei de teus marcos?

Diga lá,
Que coisas eu sei de teus dramas,
Temas, fatos, tempos e ventos,
Se eu não sei de teus tentos?

Diga lá,
Que coisas eu sei de tuas manhãs,
Farsas, rimas, ritos e sendas,
Se eu não sei de tuas vendas?

Diga lá,
Que coisas eu sei de tuas lutas,
Brigas, richas, metas e barcas,
Se eu não sei de tuas marcas?

Mário Barbará



ilust. digital: V. K. Turuga

A pesar de estar afastado da cena musical por problemas familiares, Mário Barbará já entrou para a história como um dos músicos mais importantes do nativismo gaúcho. Não que esse tivesse sido seu objetivo quando começou a carreira, em 1968, nos festivais secundaristas de Porto Alegre e de São Borja. Mesmo com a influência regional que qualquer artista oriundo de São Borja normalmente apresenta, Barbará gostava de sambas e de música popular e não tinha atração nenhuma pelos "gaudérios" que se apresentavam nos palcos dos bailões. Mas o destino foi caprichoso e colocou o poeta Apparício Silva Rillo no caminho de Barbará, com quem venceu a primeira Califórnia de sua vida.

Naquela época, a Califórnia da Canção Nativa apresentava uma proposta diferenciada, que valorizava mais de um tipo de música. Foi a deixa para Barbará, junto com outros músicos, mudar o perfil da música dos festivais e atrair a atenção do público para os ritmos regionais. Isso ficou ainda mais evidente no trabalho que Barbará desenvolveu com o "Saracura", um grupo totalmente urbano que, na esteira dos "Almôndegas", misturava a música pop com a nossa cultura regional. As letras, que não implicavam necessariamente na figura do gaúcho de bombacha e chimarrão, falavam de temas mais cotidianos ora envolvendo o humor e ora a crítica social. Com Barbará e o acompanhamento de músicos de primeira linha, as músicas serviam para embalar (e muitas vezes para fazer dançar) um público marcadamente jovem, que começava a achar tudo aquilo muito interessante. Mas foi mesmo com o poeta, escritor e letrista Sérgio Napp que o estilo renovador de Barbará encontrou um parceiro definitivo. São deles clássicos como *Mala de Garupa* e a belíssima *Desgarrados*, que virou clássico e está na lista das canções mais gravadas e executadas no Rio Grande do Sul.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Mário Barbará Dornelles Mário Barbará

1954 - Nasceu em São Borja, no dia 22 outubro, filho de Modesto Rey Dornelles e Cláudia de Andrade Dornelles. Foi criado em Uruguaiana até os sete anos.

1961 - Retorna a São Borja onde inicia os estudos no grupo escolar Getúlio Vargas.

1965 - Começa a aprender violão, junto com um dos irmãos mais velhos (Fernando, falecido em 1983). O professor Peixinho ensinava-lhes a MPB da época (Roberto Carlos, "Renato e seus Blue Caps"). Incentivado pela mãe, apresenta-se na rádio de São Borja acompanhado pelo professor.

1967 - Começa a apresentar-se em reuniões escolares de cultura (grêmios literários), onde os estudantes realizavam números artísticos, sendo que a apresentação dos Barbará Dornelles tornou-se o momento mais aguardado pelo público. Tocavam o que haviam aprendido com o professor Peixinho.



Mário aos 7 anos.

1968 - Muda-se para Porto Alegre para concluir o ginásio no Colégio Rosário, onde participa de festivais estudantis, compondo MPB.

1971 - Vence o concurso de músicas carnavalescas de São Borja, com o samba *Bloco da Despedida*, feita em parceria com o irmão Hildefonso, abrindo uma série de vitórias neste festival com o grupo "Sete e Meio".

1972 - Vence o Festival de Músicas Carnavalescas de Porto Alegre, tirando, na mesma edição, o primeiro e o segundo lugares.

1973 - Vence em Porto Alegre o festival mais cobinado da época, o Musi-Puc, com a música *Medo* (parceria com Hildefonso).

Neste ano, uma tia chama-lhe a atenção para a Califórnia da Canção de Uruguaiana. Mário gostava de samba e MPB, não via em si ligações com a música regional. Não muito entusiasmado, participou mesmo assim, sem êxito. O mesmo aconteceu no ano seguinte.

1975 - Ganha a "Calhandra de Ouro" da Califórnia com *Roda Canto*, em parceria com o conterrâneo Aparício Silva Rillo. A Califórnia já era então o mais importante festival do estado.

1976 - Ingressa na Faculdade de Veterinária da PUC de Uruguaiana (curso não concluído). Vence o Festival Estadual Estudantil de Três de Maio (a premiação era um Fusca 0 km). Vence a Califórnia em uma das linhas, o mesmo acontecendo em 77 e 78.

1979 - Desgastado com a seqüência de participações consecutivas na Califórnia da Canção, resolve não participar por dois anos.

1980 - Realiza o show "Barbará e Saracura". O "Saracura" era um dos grupos musicais mais importantes naquele momento, com propostas musicais extremamente avançadas. O show foi um estrondoso sucesso de público e crítica.

1981 - Vence novamente a Califórnia da Canção com *Desgarrados*, abrindo a sua segunda parceria histórica no nativismo, com Sérgio Napp.

Concorre no MPB Shell (festival nacional) com *Velhas Brancas*, não obtendo vaga na final, mas estabelecendo o sucesso desta canção, um pouco diferenciada de seu repertório de festivais do RS.

1982 - Vence a Califórnia, desta vez na linha de Projeção Folclórica, com *Campesina* (parceria com Sérgio Napp).

Depoimentos

" Eu nunca quis fazer uma música galponeira ou bailável; minha preocupação era com quem queria ouvir e sempre tive bons parceiros letristas.

Rillo foi muito importante para mim, também o Napp. Rillo era meu conterrâneo, promovia festas culturais onde se praticava tudo de folclore e tradição; desde cedo aprendi a gostar dele e quando tornou-se meu parceiro, trouxe uma coisa muito forte para a música que eu fazia."

" Na época em que a Califórnia abriu três linhas diferentes para concorrerem as músicas, eu achei interessante; assim, sem pensar muito sobre isto, só porque



No grêmio literário do Colégio Santana, em Uruguaiana.

1983 - Chega à final da Califórnia com *Retirante*, em parceria com Napp. Grava o LP *Mário Barbará*, em São Paulo, pela Continental.

1984 - Chega novamente à final da Califórnia, com outra parceria com Napp, *Mala de Garupa*. A partir daquele ano, envolto em problemas pessoais, Mário retira-se da vida artística.

1995 - Volta à Califórnia da Canção, vencendo novamente na linha de Manifestação Rio-Grandense com *Se Eu me Chamasse Lourenço*, retomando a parceria com Silva Rillo.

1996 - Lança o CD *Bruxarias*, pela gravadora Raízes.

1998 - Retorna a São Borja para gerenciar as propriedades rurais da família.





era o único festival que tinha isso de linhas, achei que era uma tentativa válida dos organizadores.

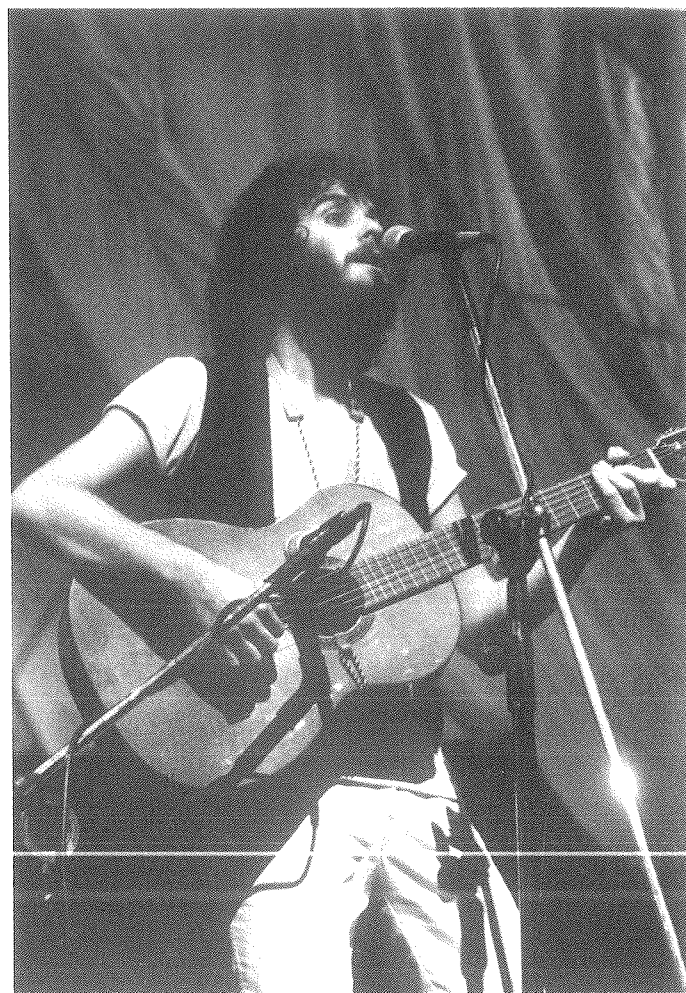
Quando me dizem que influenciei, junto com Jerônimo Jardim e outros, esta questão de se estabelecer novos parâmetros para a música que se fazia no RS, eu me sinto muito orgulhoso de ter conseguido chegar onde os organizadores da Califórnia queriam e, mais do que isso, onde eu queria.

Eu sempre pensei que, se fosse fazer uma música nativista, não iria cantar bailão, por isso me dediquei muito, muito mesmo, na composição das canções. Fazia uma mesma música de várias maneiras, repetia e refazia até chegar a um ponto em que gostasse dela, que fosse uma música gaúcha, mas uma nova música gaúcha.

Nunca gostei muito dessa música de animar baile. Até tomar umas cervejas em baile tudo bem, mas fazer, não me interessava."



Vencedor da Califórnia da Canção Nativa em 1975, com Luis Eugênio, Sérgio Rojas e Apparício S. Rillo.



"No show 'Barbará & Saracura', em 80, apareceu um cara que me disse: 'olha, gostei muito das tuas músicas e gostaria que analisasses umas letras minhas para ver se fazemos alguma coisa'; era o Sérgio Napp. Em seguida, eu vi que eram boas letras.

Logo ele me entregou a letra de Desgarrados. Eu pensei: 'Essa eu vou fazer correndo'. Hoje ela tem mais de vinte gravações e é uma das músicas mais importantes do meu repertório."

"Em 80, eu e o 'Saracura' tínhamos um público bom em Porto Alegre. Resolvemos nos juntar para um show que acabou sendo um sucesso, com mais de quinze apresentações, sempre de casa cheia. Era uma coisa muito importante ver Era uma Vez ou Colorada com o 'Saracura'; havia uma vibração muito grande, as músicas pegaram uma energia forte.

Às vezes me arrependo de não ter gravado o meu primeiro disco com o 'Saracura'. Apesar dos arranjos do Ricardo terem sido de primeiríssima linha, talvez com o 'Saracura' tivesse tido maior repercussão. Eu já tinha

uma idéia antiga de fazer um disco solo; na época optei por isso e não por 'Barbará & Saracura'. Hoje acho que foi bobagem minha, um pouco egoísta até, e eu perdi com isso, porque se tivesse feito com o 'Saracura', o resultado em vendas e projeção teria sido muito maior."

" Eu gostaria muito de viver de música, mas não dá dinheiro. Hoje eu faço muito menos música do que eu gostaria; desde o falecimento de meu pai, tenho que administrar duas fazendas, e não dá mais para ter a vida que tinha antes.

Cheguei a ganhar a vida com música, foi um tempo muito feliz, mas passou. A Elis Regina esteve para gravar Era uma Vez. Um dia, Geraldo Flach chegou do Rio e me disse admirado - 'Rapaz, a Elis está decorando a tua música mesmo!'. Não sei que fofoca houve depois, mas ela acabou não gravando; se tivesse gravado, talvez a coisa tivesse sido diferente no geral da minha carreira.

Depois disso, passei por um período de turbulên-

cias na minha vida pessoal e tudo mudou; isso acontece, que se vai fazer..

De um modo geral, fico satisfeito de ter chegado onde cheguei na música; afinal, no começo, eu nem esperava tanto, tive bons parceiros e fiz grandes músicas que ficarão para sempre, e isso já é uma coisa muito importante para um artista."

" Uma vez eu pensei em preservar as minhas músicas. Depois reconsiderarei. Hoje eu acho que todo mundo que quiser, deve gravar, mesmo que eu não goste do resultado, porque estes clássicos como Desgarrados já têm vida própria.

Eu não sou um sujeito conservador. Já acharia ótimo até se gravassem em ritmo de rock, porque sempre gostei muito de rock na minha vida. Não tenho nada contra nem acho que seria uma deturpação do meu trabalho. O problema é depois a gente se sentir 'tio' da rapaziada, né?"



Silvio Marques, Mário Barbará e Flávio Chaminé em show com o "Saracura".



" Normalmente eu custo para fazer uma música. Sempre considero o primeiro impulso, mas vou trabalhando até que ela fique do jeito que eu quero, e isso às vezes leva tempo; já Desgarrados foi mais rápida, isso também acontece. Mas o normal é fazer muitas vezes a mesma música até chegar ao resultado final, e eu esquento muito a cabeça quando quero e a coisa não sai."



Fotos cedidas por Mário Barbará.



Era uma Vez

Milonga

Letra: Aparício Silva Rillo

Música: Mário Barbará Dornelles

Handwritten musical score for the Milonga "Era uma Vez". The score is written on ten staves, each with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the notes. Chord symbols (Lam, Sim7, Fall, Dm7, Dm9) are placed above the notes to indicate accompaniment. The lyrics are:

E-RA UMA VEZ UM POTRINHO BAI-O E-RA UMA VEZ UM NEGRINHO SÓ
 QUANDO POTRI-NHO FEZ-SE POTRO O NE-GRÍ-NHO CONTINUOU PEQUENI-NI-NHO
 E CADA VEZ MAIS SÓ FOI U-MA VEZ U-MA CARREIRA GRANDE O CORREDOR
 E-RA NEGRINHO SÓ OBBI-O KAI-O TROPEÇONA KAIÇA LI-BARCE OU-KO
 SE FI-ZERAA PÓ E NE-GRINHO SÓ. A-LEN-DA VE-LAS QUEM NÃO SA-BE O RESTO DA
 VE-LHA NIS-TÓ-RIA QUE EU COR-TEI AO MEI-O E AO PÉ DAI VE-LAS DEI-XA
 FU-MO EM RA-MA PA-RA O NE-GRÍ-NHO DO PASTO-REI-O GA-LOPA, LO-
 -PE, GALOPA CA-VA-LO DE ASSOMBRAÇÃO BAI-O KAI-O PELO DE LU-A
 RISCA CHISPA NA DOLUI-DÃO VAI O CAS-CO, FICA PASTAO, PASSA VULTO FICAGVS.
 -TO QUEM VIV DU-VIDA QUE VIV QUEM PENSA QUE VIV NÃO VIV... QUEM VIV...



Desgarrados

Valsa / Toada

Letra: Sérgio Napp

Música: Mário Barbará Dornelles

1. E - LAS SEEN - CON - TAM - DO CAS DO FOR - TO, PE - LOS CON - CA - DAS. FA - DEM BIS - CA - TES PE - LOS ME -
 CON - DEM PE - LOS BO - TE - COS, ED - TRES COR - TI - COS. E TRES - BUS - CE - REM CON - TAM BOA -

CA - JUS, PE - LOS ES - QU - I - TOS. CARO - RE - GAN LI - XO, VEN - DEM RE - VIS - TOS, JUN - TAM BA - GA - NOS
 VA - TOS, VE - LHAS NOS - TO - RIAS. E EN - TÃO SÃO TRA - GOS, MI - TOS ES - TRA - GOS POR TO - DAR NOI - VE,

E SÃO DIN - GEI - ROS DAS A - VE - NI - DUS DA CR - PI - TAL. 2. E - LES SEEN -
 O - LHAS A - BER - TOS, O LAM - GEE' PER - TOO QUE VA - LE' O
 SO - NHO. SO - PRAM VEN - TOS DES - GAR - RA - DOS CARO - RE - GA - DOS DE SAU - JA - DE, VI - RAM CO - POS,

VI - RAM MUM - DOS. MAS O QUE FOI, NUN - CA MAIS SE - RA, MAS O QUE FOI, NUN - CA
 MAIS SE - RA

3. CE - VA - VAM MA - SE, SUR - RI - SO FOM - CO, TA - LI - ROS - CE - SO.
 VI - RA - VAM BOA - SAI, CON - TA - UMA CAU - SOS PO - LIA - DUS - TO - ROS. GE - A - DA FRI - A, CA - FE' BEM

QUEN - VE, MUI - TOM - VO - RO - CO. AR - DEI - OS FIR - MÉS E NOS FES - CO - GOS LEN - COL - VER - ME - LHAS.
 4. JO - GO DO OS - SO, CA - MA DEES - PE - RA EQ TÃO DE FOR - TO. O MI - LHAM - SA - DO, A CAR - NE
 GOR - DA, A CAT - CHA RE - TA. FA - ZI - RAM PLA - NOS E NEM SA - BI - AM QUE - RAM FE - LI - ZES,

O - LHAS A - BER - TOS, O LAM - GEE' PER - TOO QUE VA - LE' O SO - NHO.

REPETE O ESTROFICHE



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) * -	Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel -	Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes -	Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes -	Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha -	Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes -	Crina de Cavallo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja -	Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) ** -	Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) ** -	Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos") -	Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu -	Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) ** -	Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino -	Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim -	Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges -	Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará -	Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro -	Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) ** -	Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça -	Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá -	Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil -	Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira -	Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto -	Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia -	Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny -	Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando -	Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy -	Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua -	Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) ** -	Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) *** -	Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

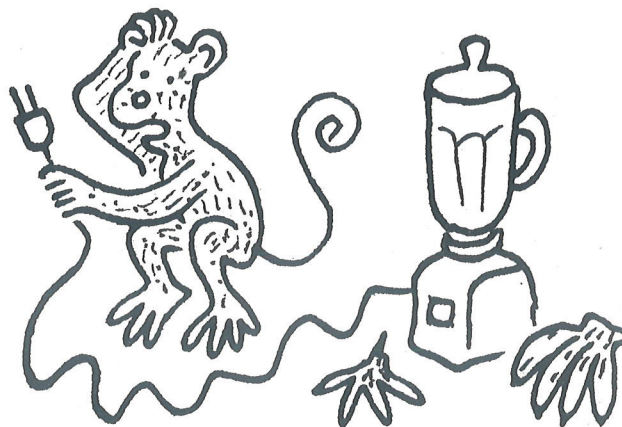
18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.

GAÚCHOS



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul


CEEE
www.ceee.com.br


GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura